

# AS ÍNDIAS OCIDENTAIS SOB DESENHO DO ORIENTE: A INVENÇÃO DA AMÉRICA DENTRO DO IMAGINÁRIO EUROPEU COM UM CONTINENTE AUTÔNOMO DA ÁSIA NA PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA DO SÉCULO XVI.

Palavras-Chave: AMÉRICA, ÁSIA, CARTOGRAFIA

Autores(as):

STEPHANI LUCAS SANTANA, IFCH – UNICAMP

Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. LUIZ ESTEVAM DE OLIVEIRA FERNANDES, IFCH - UNICAMP

---

## INTRODUÇÃO:

Cristóvão Colombo, creditado como descobridor da América, aporta pela primeira vez em território americano em 1492, porém como defendido por Edmundo O’Gorman sua chegada não indica esse descobrimento. A expedição que chega ao final do século XV a atual Bahamas tinha por objetivo alcançar a Ásia e expandir as possibilidades de comércio com as Índias, principal interesse das potências ibéricas nesse momento. Nesse contexto, essa chegada não explica satisfatoriamente o aparecimento da América ou a sua “descoberta” dentro do imaginário europeu (O’GORMAN, 1992). A construção do Novo Mundo começa na chegada dos primeiros europeus, e passa pelo processo de compreensão de que se tratava de um novo território e não o destino esperado e buscado por eles, a Ásia.

Nessa linha, o destino inicial das primeiras expedições que aportaram na América eram as Índias Orientais, e devido à falta de conhecimento da existência de um continente inteiro no que era chamado de Mar Oceano associada a um imaginário de Ásia muito maior do que sabemos que é e tão distante da realidade europeia, a América foi lida nos primeiros contatos como sendo a Ásia ou dela fazendo parte. Assim, os espaços americanos, seus povos e aspectos naturais eram compreendidas dentro de chaves já prontas e encaixados no que se esperava encontrar. Dessa forma, em princípio encontram-se na América os reinos e povos asiáticos de que se tinha conhecimento na Europa.

Essa perspectiva europeia de interpretação do mundo que se expande ao longo do século XVI e posteriormente também tem reflexos na produção científica, e a cartografia que passa a ter um protagonismo enquanto ferramenta para as navegações e explorações também reflete o imaginário europeu de mundo. Nesse sentido, a pesquisa busca se debruçar sobre os mapas produzidos nesse momento e utilizá-los enquanto fonte para entender o processo de criação do Novo Mundo, principalmente a relação estabelecida entre os imaginários de Ásia e América.

## METODOLOGIA:

Acompanhar pelo século XVI a produção cartográfica é capaz de ajudar a entender como se constrói um imaginário de América na Europa, nessa perspectiva propõe-se analisar mapas produzidos nesse século tentando entender neles o que era, para os europeus o Novo Mundo. De forma geral, esta pesquisa é caudatária da linha de interpretação de Edmundo O’Gorman que coloca como a América foi inventada de forma heterogênea e complexa (O’GORMAN, 1992). Essa perspectiva, porém diante de fontes cartográficas, precisa ser matizada por meio de outros métodos para construir uma análise satisfatória.

Para tanto, considerando o crescimento da cartografia a princípio como reavivamento de produções científicas clássicas, não se pode perder de vista como base antiga dessas produções. Um olhar atento a seus usos permite entender em que medidas existe, dentro da construção dos mapas, permanências ou novidades. As adaptações e atualizações de conhecimentos tradicionais são de extrema relevância, visto que traçam uma Europa que tenta abarcar novas perspectivas dentro de visões pré-estabelecidas (WHITFIELD, 1996).

Cabe destacar, no século XVI, os aperfeiçoamentos científicos que permitem reproduções mais exatas e específicas. Dessa forma, nota-se uma evolução técnica que acompanha o aumento do conhecimento acerca dos espaços explorados (MICELI, 2012). Por outro lado, esse desenvolvimento ocorre de maneira heterogênea, isso pois a construção do conhecimento cartográfico não é feita exclusivamente a partir de informações de acadêmicos ou cartógrafos com rigor científico.

Uma base preponderante para a cartografia são os relatos e expoentes de exploradores que circulavam sob diferentes meios por toda a Europa. Esses carecem, muitas vezes, de informações técnicas importantes para a criação de mapas mais exatos dos lugares aos quais se referem. Nessa perspectiva, muito do que é produzido a partir dessas fontes sofre com a influência de projeções feitas pelos autores do mapa e dos relatos (WHITFIELD, 1996). Além disso, outras representações também são usadas como base sendo adaptadas ou reproduzidas. Assim, entender a materialidade dessas informações, e o diálogo entre elas também indica como se formam ou se mantêm concepções dentro do imaginário europeu (MCINTOSH, 2015).

Ademais, outro aspecto a ser ressaltado é como nem sempre o objetivo da criação desses mapas é o uso em navegações o que torna o rigor científico menos importante. Mapas que eram utilizados primariamente para a divulgação de conhecimento acerca das descobertas dependiam mais de representações que transmitissem determinadas ideias. Nessa linha, cabe entender como a informação científica se conurba com os discursos de cada cartógrafo criando diferentes concepções de mundo em que os espaços sofrem alterações que coincidem com projetos políticos, por exemplo. Esse aspecto de mudanças deliberadas, mostram como a cartografia, por ser utilizada como objeto de poder, é influenciada por objetivos de diferentes grupos (HARLEY, 1988).

Por outro lado, outras distorções que podem ser percebidas, mas que respondem a uma tentativa de completar informações faltantes dão acesso a uma geografia de um mundo almejado pelos europeus. Assim, é importante entender como as expectativas europeias se confundem com a realidade, perspectiva que pode ser analisada buscando-se entender como se projetam mitos medievais para a América, por exemplo (MAGASICH-AIROLA, 2000). Dentro dos mapas isso aparece nos nomes e

legendas, e também nos motivos iconográficos que são colocados como suporte para a interpretação dos mapas e a transmissão de ideias e informações. O uso de imagens e termos que se referem a ícones que já estão presentes no imaginário europeu e, portanto, são reconhecíveis ao público ajuda a reconstituir e recontar histórias identificáveis (VAN DUZER, 2011).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O principal aspecto observado nos mapas era a representação do continente americano e o continente asiático tentando entender se os territórios eram representados enquanto o mesmo continente, se eram apenas conectados ou se eram separados pelo oceano. Nota-se que o crescimento da circulação de informações e a mudança nos objetivos e usos dos mapas tem um papel preponderante nos processos de produção cartográfica no século XVI, que é um momento de importantes evoluções científicas. Nos mapas analisados isso aparece de diferentes formas por meio das tentativas de configuração do espaço geográfico americano e asiático, que aparecem ora conectados e ora desconectados, ou com uma ligação não clara. Esse primeiro aspecto é importante para entender a circulação de informações e a influência, não apenas da cartografia, como também de outras fontes na manutenção da ideia de que as Índias eram conectadas ou na criação de uma nova forma de entender o mundo.

O primeiro mapa a apresentar a América como um continente autônomo em relação a Ásia e circundado por mar por todos os lados, baseado em Vespúcio para isso, data de 1507. A representação de Martin Waldseemüller além de estampar um quarto continente é a primeira representação cartográfica a chamar o Novo Mundo de América. Apesar de não consolidar a autonomia entre os dois continentes, pois após esse momento ainda aparecem diferentes fontes que apresentam o contrário, essa nova perspectiva apresenta novas questões a serem analisadas com relação ao imaginário de mundo europeu. O *Padrón Real* de 1529 de Diego Ribeiro, por exemplo é utilizado para pautar e defender as posses da Coroa Espanhola, e denota não apenas a velocidade e capacidade de representação das novas informações como escancara os interesses do Império e mesmo representando os continentes americano e asiático e o que hoje é o Oceano Pacífico com proporções muito próximas as reais, ao enfatizar as possibilidades de travessia para o Extremo Oriente pelo ocidente coloca como a América é lida em função da Ásia. Uma outra perspectiva, ainda, pode ser vista no globo de Urbano Monte de 1587 que constitui um Novo Mundo autônomo, mas deforma e aproxima os continentes asiáticos e americanos mostrando como o imaginário sobre esses espaços geográficos em outras estâncias ainda não havia assumido uma imagem constante e, portanto, ainda é resultado de diferentes narrativas e interpretações europeias.

Além disso, com a expansão, a cartografia assume um espaço de extrema relevância, como instrumento para os navegadores e exploradores, o que expande um tipo de relação que complexifica ainda mais a construção dos mapas em relação ao primeiro momento de retomada da *Geografia*: uma conexão entre os marinheiros e os acadêmicos (WHITFIELD, 1996). A cartografia como instrumento para as explorações e também como discurso e transmissor de informações sobre os resultados delas ocupa então espaço preponderante dentro da Europa e uma vasta produção de mapas começa a

influenciar diretamente o pensamento europeu sobre o mundo. Isso coloca as informações contidas nos mapas em um espaço privilegiado, porém também não acessível para a população, o que apresenta ainda mais complexidade para construção do imaginário americano, visto que a circulação desses conhecimentos atingia um grupo muito seletivo da população e também era controlada por um grupo restrito de pessoas.

## **CONCLUSÕES:**

A partir das análises apresentadas é possível delimitar algumas conclusões sobre o processo de construção de um imaginário de América dentro da Europa enquanto um território associado ao imaginário oriental. Entende-se que a construção da América se dá de forma heterogênea, não-linear e sua ligação com a Ásia oscila nas representações diante da tentativa de entender que espaço o Novo Mundo ocupa no globo. Durante todo o século XVI a cartografia retrata como a construção de mundo europeu se desenrola tentando abarcar e entender as terras descobertas. As navegações europeias trazem para o Velho Mundo a informação da existência americana e, portanto, criam dentro do imaginário europeu novas questões e perspectivas que precisam se adequar aos conhecimentos antigos ou projetar novas linhas de pensamento.

Mesmo depois da compreensão da América como um novo continente, as perspectivas europeias ainda interpretam o Novo Mundo por chaves de leitura que eram utilizadas para a Ásia. A América nesse momento se torna, como as Índias Orientais, um espaço passível de projetar anseios europeus por mitos medievais, ou o caminho até esses desejos. De ambas as formas ainda América precisava ser situada dentro das noções e conhecimentos herdados dos medievais e antigos que já constituíam o que era o globo, e seu imaginário permanece reflexo do que se tinha pré-estabelecido para as Índias. Assim, o continente americano continua sujeito a ideias que já existiam no conhecimento europeu mesmo antes de sua descoberta e sua criação continua sujeita ao imaginário de europeu de Ásia.

Outra perspectiva que aparece de forma latente dentro dos mapas por meio de suas construções técnicas é a associação entre as Índias Ocidentais e Orientais mesmo quando os dois continentes aparecem dissociados pois os dois são lidos nas mesmas chaves de possibilidades e ambientes exóticos. Nessa linha, muitos mapas apresentam uma concepção de Novo Mundo que associa os dois territórios partindo da noção de que o próprio Extremo Oriente estava fora do conhecimento europeu e se apresentava como um espaço não explorado. Essas noções ainda respondem a outra perspectiva do imaginário europeu de ilhas fantasma por exemplo, em que muitos territórios creditados de estar na Ásia eram lendas que ainda precisavam ser conquistadas pelos europeus.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALBUQUERQUE, Luis de. *Introdução a historia dos descobrimentos portugueses*. 3. ed. revista Umem Martins: Europa-América, [196-]. 291p. (Biblioteca Universitária, 30).

ALMEIDA, Luis Ferrand de. *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras, 1957.

- DUZER, Chet Van, *Waldseemüller World Maps of 1507 and 1516: Sources and Development of his Cartographical Thought*, 2019. [https://www.academia.edu/2204120/Waldseem%C3%BCller\\_s\\_World\\_Maps\\_of\\_1507\\_and\\_1516\\_Sources\\_and\\_Development\\_of\\_his\\_Cartographical\\_Thought](https://www.academia.edu/2204120/Waldseem%C3%BCller_s_World_Maps_of_1507_and_1516_Sources_and_Development_of_his_Cartographical_Thought)
- FERNADES, Luiz Estevam de, et al. *Sobre o Novo Mundo: A História e Historiografia das Américas na Primeira Modernidade em 10 entrevistas*. Editora Prisma, 2018.
- HARISSE, Henry. *The discovery of North America*. Londres: Aldine Press, 1892.
- HARLEY, J. B. “Silences and Secrecy: The Hidden Agenda of Cartography in Early Modern Europe.” in *Imago Mundi* 40, 1988. pp. 57–76. <http://www.jstor.org/stable/1151014>.
- KUPPERMAN, Karen (org.). *America in European consciousness, 1493-1750*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 1995.
- LESTER, Toby. *A quarta parte do mundo: a corrida aos confins da Terra e a épica história do mapa que deu nome à América*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2012. 533 p., il. ISBN 9788539004126 (broch.).
- MAGASICH-AIROLA, Jorge. *América mágica: quando a Europa da renascença pensou estar conquistando o paraíso*. Coautoria de Jean-Marc Beer. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000. 296p., il. Bibliografia. ISBN 852190360X: (broch.).
- MAGNOLI, Demetrio. *História da Paz*. São Paulo, SP: Contexto, 2008.
- MANGANI, Giorgio. “Abraham Ortelius and the Hermetic Meaning of the Cordiform Projection.” *Imago Mundi* 50 (1998): 59–83. <http://www.jstor.org/stable/1151391>.
- MCINTOSH, Gregory C., *The Johannes Ruysch and Martin Walseemüller World Maps: The Interplay and Merging of Early Sixteenth Century New Worlds Cartography*, Second Edition, Plus Ultra Publishing Company, 2015.
- MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do mundo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012. 263 p., il. ISBN 9788526810006 (enc.).
- O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do novo mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1992. 218p., il., 21 cm. Inclui bibliografia e índice. ISBN 8571390258 (broch.).
- PARKER, Katherine. *A Mind at Work: Urbano Monte's 60-Sheet Manuscript World Map*. Stanford Libraries, 2017.
- RABELO, Lucas Montalvão. *A síntese cartográfica renascentista no mapa de Diogo Ribeiro (1529)*, 2013.
- RODNEY, Shirley. *The mapping of the world: early printed world maps, 1472-1700*. Londres: Holland Press, 1983.
- VIGNERAS, L. A. “The Cartographer Diogo Ribeiro.” *Imago Mundi* 16 (1962): 76–83. <http://www.jstor.org/stable/1150304>.
- WROTH, Lawrence C. “The Early Cartography of the Pacific.” *The Papers of the Bibliographical Society of America* 38, no. 2 (1944): 87–268. <http://www.jstor.org/stable/24301919>.